

A experiência educomunicativa no Colégio Educarte: oficinas de criação de jornal-escolar para o facebook

Felipe dos Santos Schadt

Introdução

O trabalho desenvolvido no O Jornaleiro (jornal-laboratório) desde 2012, no Centro Universitário Campo Limpo Paulista (UNIFACCAMP), não gerou só resultados para os alunos e alunas que participam do jornal-laboratório educomunicativo da Unifaccamp. Em 2014, a metodologia utilizada no projeto serviu como base para a implementação de um jornal escolar em uma escola pública de Campo Limpo Paulista. A experiência, que na época fazia parte da pesquisa de conclusão do curso de Especialização em Educomunicação na ECA/USP, resultou no Legado Jovem, veículo de comunicação dos alunos da Escola Estadual Victor Geraldo Simonsen.

A ideia do Legado Jovem era, por meio do Facebook, criar uma página para divulgar as produções jornalísticas realizadas pelos jovens. As 21 produções publicadas eram resultados de um processo que se tornou dinâmico no decorrer da pesquisa. O trabalho foi dividido em quatro blocos: o primeiro era dedicado a oficinas de jornalismo, em que o aluno aprendia técnicas básicas para construção de um texto jornalístico; o segundo e o terceiro blocos se dedicaram a produções dos alunos; e o quarto bloco foi o momento de refletirmos sobre o processo e as produções.

Os encontros do primeiro bloco davam ao aluno condições de entender, basicamente, as técnicas para a construção de um texto jornalístico. As oficinas abordaram desde a construção da pauta até a formatação do texto. Os jovens também aprendiam funções e a rotina jornalística, além de terem contato com os gêneros textuais possíveis em um jornal.

Após isso, os alunos foram convidados a criarem um espaço onde suas produções seriam postadas. Desde o início do trabalho, o Facebook foi escolhido como o principal meio. Escolhido nome, identidade e valores do jornal escolar, o segundo e o terceiro blocos se dedicaram a criar uma rotina de produção. Primeiro, eles faziam a reunião de pauta para decidirem, democraticamente e em conjunto, quais pautas seriam trabalhadas pelo jornal. Na sequência, iam a campo para pesquisar sobre a pauta escolhida e depois escreviam a matéria. Por fim, postavam suas produções na página criada e fechávamos o ciclo com uma reflexão sobre o que foi produzido por eles.

Já o último bloco se deu ao final da experiência, em que os alunos se reuniram para conversarem e refletirem sobre todo o processo desenvolvido. Além de se auto-avaliarem para destacar os impactos que o trabalho teve em cada um, os meninos e meninas do ensino médio que participaram do projeto discutiram a possibilidade de dar

seqüência ao jornal escolar por conta própria. Mesmo sem a presença do educ comunicador, o projeto seguiu por mais oito meses. Todo esse processo foi apresentado pelo pesquisador e educ comunicador, Felipe Schadt como parte da avaliação do Programa de Especialização lato sensu em Educomunicação, sob a orientação do prof. Dr. Claudemir Edson Viana (SCHADT, 2015).

Recentemente, Andrea Terra, professora de história do Colégio Educarte, também da cidade de Campo Limpo Paulista, teve conhecimento desse trabalho e, ao ser desafiada a criar um jornal escolar para seus alunos do 9º ano do ensino fundamental, nos procurou para tentar implementar a mesma metodologia com seus alunos. O presente artigo tem como objetivo relatar como a experiência do Legado Jovem pode ser aproveitada para a criação de um jornal-escolar em uma escola privada de Campo Limpo Paulista.

Colégio Educarte

Segundo relatado pela página do colégio, o Educarte, inaugurado em 2004 na cidade de Campo Limpo Paulista, tem como base as relações democráticas, equidade social, relações éticas e respeito às diferenças. Pensando em nossa escola como um espaço fundamental de construção e aquisição de conhecimentos, levamos o aluno a perceber que é possível existir uma relação única entre aprender, aplicar o conhecimento adquirido no cotidiano e ter prazer em estar no ambiente escolar.¹

Além disso, o colégio acredita que:

Através das disciplinas diversificadas que fazem parte do dia-a-dia dos alunos, tais como: laboratório de redação, inglês,

1 <<https://www.ceceducarte.com.br/historia/>> acessado em 26 de novembro de 2018 às 23:37

expressão corporal e teatro, tornamos real uma escola com grande nível pedagógico que prioriza a cultura e o desenvolvimento humano.²

E esse cenário é facilmente comprovado pela cultura da escola. Além dos cursos livres oferecidos pelo colégio como atividades extracurriculares, dentro das disciplinas é comum atividades que estimulem a criatividade dos alunos. Foi nesse contexto que a professora de história, Andrea Terra resolveu criar um jornal escolar para relatar as atividades da escola, além de promover nos seus alunos o desenvolvimento de habilidades da escrita jornalística e a leitura crítica da mídia. Esse terreno se mostrou extremamente fértil para um projeto educ comunicativo por dois motivos: o primeiro é a preocupação que a escola tem para o desenvolvimento humano dos seus alunos através da cultura; o segundo é a verificação de um ecossistema comunicativo mais aberto e dialógico do que o que acostumamos ver nos ambientes escolares. Esses dois fatores são bons elementos para a criação de um espaço favorável para o surgimento de protagonismo juvenil.

A Educomunicação

O entendimento de educomunicação pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo é a ação emergente entre dois tradicionais campos sociais: a Educação e a Comunicação. O que significa que a educomunicação se apresenta como um novo paradigma para a educação e para a comunicação e que, por sua vez, confrontará inevitavelmente os paradigmas já existentes que permeiam esses tradicionais campos sociais.

2 <<https://www.ceceducarte.com.br/historia/>> acessado em 26 de novembro de 2018 às 23:37

Segundo o professor livre docente, Ismar de Oliveira Soares:

Partimos da premissa de que a educomunicação, conceito que - no entendimento do Núcleo de Comunicação e Educação da USP - designa um campo de ação emergente na interface entre os tradicionais campos da educação e da comunicação, apresenta-se hoje, como um excelente caminho de renovação das práticas sociais que objetivam ampliar as condições de expressão de todos os seguimentos humanos, especialmente da infância e da juventude. (SOARES, 2011, p. 14)

No campo da educação, o paradigma apresentado é o do *ensino x aprendizagem*. Esse sistema vertical de educação apresenta a instituição de ensino como único local de aprendizagem, o professor como o detentor da sabedoria e o aluno como um ser que nada sabe pronto para receber todo o conhecimento vindo de fora para dentro. Já o paradigma na comunicação se apresenta como um sistema hegemônico, onde poucos grupos possuem o poder de criar conteúdo através dos meios de comunicação, dando ao outro um status de mero receptor sem o direito de resposta por meio de suas próprias produções midiáticas.

A educomunicação busca criar um diálogo entre esses dois campos³ que sempre se apresentaram como heterogêneos e distintos em suas funções sociais para poder dar, a agentes sociais, reais condições emancipadoras. Mas para construir um diálogo entre eles é preciso entender que primeiro, a Educação só é possível enquanto ação comunicativa e segundo, a Comunicação é em si uma ação educativa. Esses axiomas são apresentados por Ismar de Oliveira Soares como uma das linhas teórico-práticas para se compreender a relação entre Comunicação e Educação. (SOARES, 2011, p. 17).

3 BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. In: CITELLI, A. O.; COSTA, M. C. C. (Org.) *Educomunicação: construindo uma nova área do conhecimento*. São Paulo: 2011, p. 31.

Portanto, entendemos que a educomunicação se dá a partir do momento em que processos educacionais baseados no dialogismo, criam espaços onde o agente deixa de ser objeto para ser agente criador, de passivo para ativo, de ouvinte para falante, mudando a sua relação com o ambiente. Esses processos, por sua vez, serão mediados pela comunicação, em que projetos voltados para a apropriação midiática seja o canal onde esse agente atuará como protagonista social.

No caso abordado pelo presente artigo, o jornal-escolar virtual, hospedado em uma página do Facebook, é objeto do ciberespaço, que por sua vez é o local em que as produções dos alunos circulam, logo, é para ele que devemos nos debruçar um pouco para entender como se dá esse novo espaço de sociabilidade.

O Ciberespaço

O Facebook, como tantas outras redes sociais da internet, são locais em que atores sociais se relacionam por meio da técnica digital e os fluxos de informação que preenchem a rede. Esse lugar de interação híbrida é o ciberespaço. Mas, diferente do que o senso comum acredita, o ciberespaço não é um mundo paralelo ao mundo real, pelo contrário, tanto os locais *online* quanto os *offline* se interconectam e são construídas mutuamente (CALIXTO, 2017).

Pierre Lévy (1996), explica em sua obra *O que é Virtual?* a virtualização como um processo que acompanha o desenvolvimento social do homem e não com a ascensão dos computadores nas décadas de 1970 e 1980. A virtualidade segue a evolução da própria linguagem. Portanto, o virtual também faz parte do real.

O ciberespaço, por sua vez, é entendido como o novo espaço de sociabilidade, de inclusão e de comunicação, capaz de possibilitar o surgimento de uma "inteligência coletiva" e dar aos agentes sociais condições de discutir simultaneamente sobre variadas questões, sem que elas estejam na esteira de um controle ideológico (LÉVY, 1999). Essa inteligência coletiva, por sua vez, tem como grande característica

a descentralização e desterritorialização da informação que circulam e são ressignificados de uma maneira conjunta pelos usuários.

Ubiquidade da informação, documentos interativos interconectados, telecomunicação recíproca e assíncrona em grupo e entre grupos: as características virtualizante e desterritorializante do ciberespaço fazem dele o vetor de um universo aberto. Simetricamente, a extensão de um novo espaço universal dilata o campo de ação dos processos de virtualização (Lévy, 1999, p. 51).

Lévy explica que a ascensão do ciberespaço se dá a partir dos anos 1970 e é ampliada nos anos 1980, na Califórnia, onde a informática deixa de ser pensada e usada como ferramenta técnica do setor industrial particular para se fundir com outras linguagens, como o cinema e a televisão. “A digitalização penetrou primeiro na produção e gravação de músicas, mas os microprocessadores e as memórias digitais tendiam a tornar-se a infraestrutura de produção de todo o domínio da comunicação” (LÉVY, 1999, p. 31).

Mas foi no final dos anos 1980 e início dos anos 1990 que o movimento articulado pelos jovens profissionais das grandes metrópoles e dos campus norte-americanos explodiu a novas dimensões. Enquanto os computadores e as redes se interligavam, as pessoas começaram a se conectar mais, isso graças a invenção do computador pessoal que continha uma interface amigável, facilitando a navegação. O grande exemplo disso pode ser atribuído ao surgimento do Apple Macintosh, em 1984, pois ele

Acelerou a integração da informática ao mundo da comunicação, da edição e do audiovisual, permitindo a generalização do hipertexto e da multimídia interativa. Numerosas características do Macintosh foram em pouco tempo retomadas por outros fabricantes de computadores e hoje, em 1990, não podemos mais conceber a informática “amigável” sem “ícones” e “mouses”. (LÉVY, 1998, p. 29)

Com a presença de outras linguagens na rede produzindo conteúdos diversos, aparece em cena uma maneira não-hierárquica e descentralizada de organização de conteúdo. Três aspectos observáveis a partir disso: a criação de complexas redes rizomáticas que não dependiam de transmissões verticalizadas (emissor-receptor); a grande velocidade que a informação passou a circular; e a transformação nas relações produtivas causadas pela digitalização (CALIXTO, 2017).

Como no caso da invenção do computador pessoal, uma corrente cultural espontânea e imprevisível impôs um novo curso ao desenvolvimento tecnoeconômico. As tecnologias digitais surgiram, então, como a infraestrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento. (LÉVY, 1999, p. 32).

E é nesse espaço que o Facebook atua e seus usuários se relacionam, trocando informações e saberes, criando, compartilhando e atribuindo valor aos conteúdos.

Seja qual for a motivação dos jovens para a participação em coletivos no ciberespaço, a necessidade de pertencer a um grupo é a força motriz que propicia a educação desses jovens, no sentido mais amplo, ao vivenciarem situações de práticas em rede e da cultura digital com indivíduos e grupos com os quais interagem, virtuais ou não. Entretanto, a significativa presença dos jovens nas redes virtuais não significa, necessariamente, seu amplo domínio de práticas culturais no ciberespaço e em rede, e de suas implicações para a vida social, inclusive a real. (VIANA; MELLO, 2013, p. 5).

A pesquisadora Sonia LIVINGSTONE (2011) enfatiza que a internet oferece ao jovem uma diversidade de oportunidades de relação com o mundo que, por si só, é suficiente para animá-lo e convidá-lo a utilizar das ferramentas virtuais quase que instintivamente,

No entanto, já que as tecnologias da informação e da comunicação representam cada vez mais a principal rota para educação, saúde, engajamento cívico, habilidades empregadas, participação no governo, aconselhamento terapêutico, relações familiares estendidas, e aí por diante, é aqui que devemos assegurar que a literacidade seja suficiente. (LIVINGSTONE, 2011, p. 37)

Entendido isso, uma das preocupações do pesquisador foi de, no momento das oficinas, incluir as discussões sobre um uso criativo das redes sociais durante o trabalho desenvolvido. O que resta entender são os motivos que levaram os alunos do 9º ano do Colégio Educarte a escolherem o Facebook para desenvolverem e publicarem suas reportagens. E fica fácil compreender essa escolha quando olhamos os indicadores de 2017 da pesquisa *Tic Kids Online Brasil*.

Por que as redes sociais?

Criado em 2005, o Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC) é um departamento do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (Nic.br) e realiza pesquisas relacionadas ao uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs).

Um de seus dez indicadores é o *Tic Kids Online* que tem como um dos principais objetivos mapear possíveis riscos e oportunidades *online* para jovens de 9 a 17 anos, buscando entender o que esses meninos e meninas fazem na internet. A pesquisa é realizada desde 2012 e visa entender a percepção de jovens em relação à segurança *online*, bem como delinear as práticas de mediação de pais e responsáveis relacionadas ao uso da Internet.

Será com base nas pesquisas realizadas em 2017 que tentaremos entender o que levou os jovens do Colégio Educarte a ficarem tão empolgados com a possibilidade de produzir conteúdo jornalístico na internet.

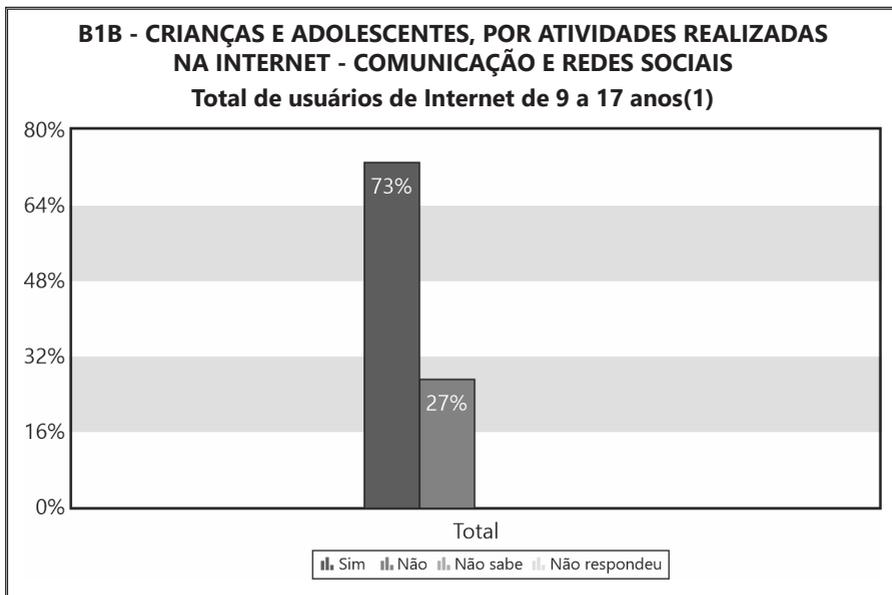


Gráfico 1

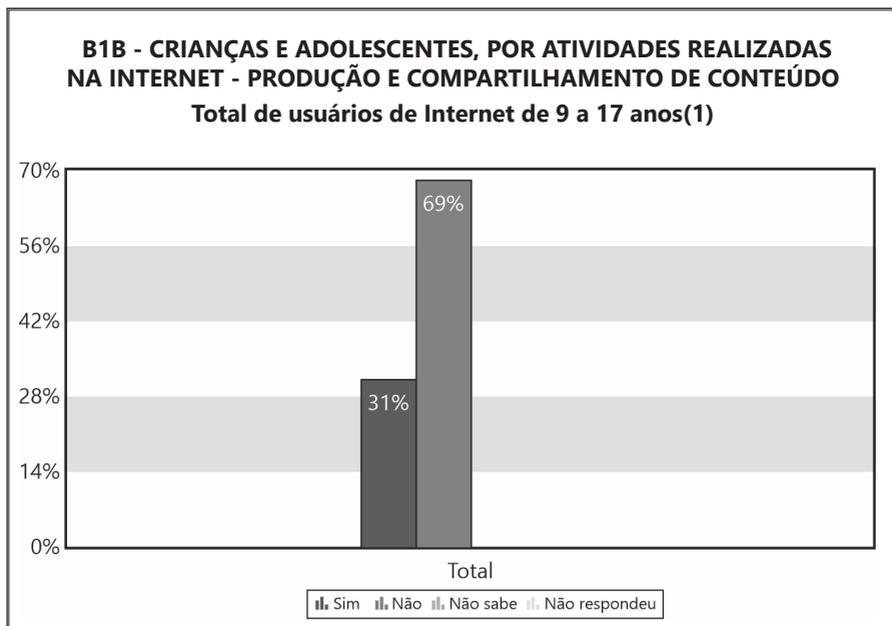
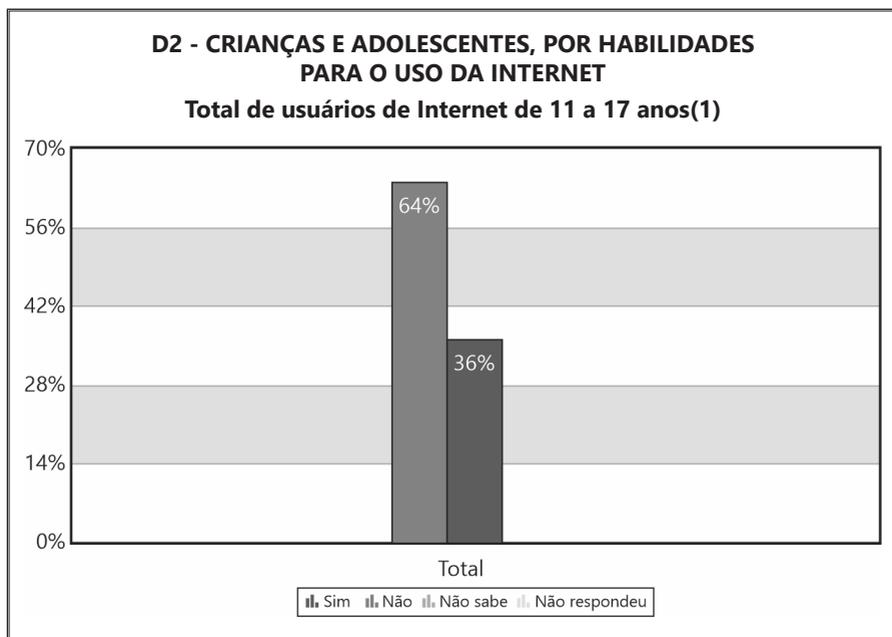


Gráfico 2

O primeiro gráfico já seria revelador o suficiente quando mostra que 73% dos jovens entre 9 e 17 anos utilizam as redes sociais. Mas a utilização desse espaço não se dá devido à produção desses jovens, pois apenas um terço deles publicam material de própria autoria nas redes. É o que mostra o gráfico 2.



O segundo gráfico contrasta com o Gráfico 3 que diz que a maioria dos jovens têm habilidades para postarem conteúdos próprios na internet como vídeos e músicas. Podemos analisar, portanto, que mesmo com habilidade para isso, o interesse em publicar conteúdos próprios na rede talvez seja a barreira a ser vencida.

Essa realidade também foi observada entre os jovens do 9º do Colégio Educarte. Dos oito alunos participantes do projeto, seis deles possuíam uma conta no facebook e, entre esses seis, pelo menos três alunos tinham acesso controlado pelos pais. No contexto do colégio,

o momento que eles utilizavam as redes sociais era quando estavam em casa e fora da escola, mesmo ela oferecendo sala de informática com horários de livre acesso.

A vontade dos alunos de produzirem um jornal-escolar nas redes sociais também se explica por um fenômeno já observado por Célestin Freinet na década de 1920 no interior da França quando ele implementou o jornal-escolar como ferramenta pedagógica.

Freinet entendeu que quando o aluno produz algo que será lido, compartilhado e apropriado por outros interlocutores - além do professor e, às vezes, dos pais que fazem um papel de fiscalizadores de tarefas escolares -, o prazer de produzir se torna maior, pois o texto não morrerá nas páginas do caderno, mas se perpetuará nas páginas do jornal (SCHADT, 2015).

A criança sente a necessidade de escrever, exatamente porque sabe que o seu texto, se for escolhido, será publicado no jornal escolar e lido, portanto, pelos seus pais e pelos correspondentes; por isso sente a necessidade de expandir seu pensamento por meio de uma forma e de uma expressão que constituem a sua exaltação. (FREINET, 1964, p. 46)

Mário Kaplún vai chamar esse fenômeno de "caixa de ressonância": o aluno escrevia para ser lido. Por sua vez, esse processo gerava no aluno motivação suficiente para escrever e se expressar.

A chave estava nesse jornal, nesse meio de comunicação. Aqueles educandos tinham uma caixa de ressonância: "escreviam para serem lidos". E era essa rede de interlocutores, próximos ou distantes, o que os incentivava a criar, redigir, pesquisar, estudar, aprofundar seus conhecimentos, sem sentir tudo isso como um esforço ou uma obrigação, e sim vivendo-o com alegria, prazer e entusiasmo. Aprendiam através da comunicação. (KAPLUN, 2014, p. 66)

E o Facebook mostra-se um espaço potencialmente excelente para que essa caixa de ressonância reverbere, uma vez que a rede social é o lugar em que boa parte do mundo - estamos falando de 2 bilhões de pessoas - interagem, compram, vendem, aprendem, ensinam, jogam, se relacionam, se agrupam, se informam e se comunicam. As redes sociais *online* mudaram a natureza das relações entre as pessoas, e desde o seu aparecimento atraíram milhões de utilizadores, que as integraram nas suas vidas diárias.

Entendido tudo isso, partiremos agora para o relato da experiência dos alunos do Colégio Educarte com a criação de seu jornal-escolar. Na sequência do artigo, abordaremos como as reuniões com os alunos se deram, o conteúdo das oficinas e o que eles produziram.

Jornal Jovem da Luz

Foram realizados quatro encontros com os alunos do 9º ano do Colégio Educarte, no contraturno das aulas. Os encontros aconteceram no espaço de quatro semanas, sendo realizado um encontro por semana com duração de três horas cada encontro.

Reproduzindo a metodologia de trabalho realizado no Legado Jovem (descrito na introdução do presente artigo), os encontros se debruçaram em: oficinas sobre o texto jornalístico; escolha, pesquisa e produção das pautas; e por fim reflexão sobre o processo e o produto final. Ao todo foram oito alunos participantes e a professora que, como os estudantes, participou de todos os processos do projeto com a intenção de perpetuar o trabalho como mediadora.

No primeiro encontro, a oficina focou em três parâmetros: criação de uma pauta jornalística; gêneros jornalísticos informativos (nota, notícia e reportagem); e produção de entrevistas. Com auxílio de jornais e revistas, os alunos puderam perceber como se estrutura uma matéria jornalística. Dentro das oficinas, os meninos e meninas fizeram ativi-

dades práticas como identificação do lide e realização de entrevistas com seus próprios colegas.

Foi o encontro mais denso e talvez o menos divertido para os alunos, pois mesmo com as dinâmicas e as atividades práticas, as oficinas não fugiram do padrão de aulas que eles já estavam acostumados. Além disso, a carga de informações foi um pouco densa, o que atrapalhou um pouco na absorção do conteúdo, o que geraria muitas dúvidas nas etapas seguintes do projeto.

O ponto alto do primeiro encontro foi o momento em que eles foram desafiados a pensarem na criação do seu próprio jornal. Junto com a professora, fizeram um debate acalorado sobre a escolha do nome e do significado que ele teria. Sem uma definição *in loco*, foi combinado que eles trariam suas sugestões para o próximo encontro e a escolha seria baseada nas defesas de que cada um faria para seu nome favorito.

Segundo a professora, a escolha do nome foi tema recorrente durante toda a semana, em que os alunos negociavam parcerias para apoiarem um ou outro nome, além de muitas pesquisas sobre significados dos possíveis títulos do futuro jornal.

No encontro seguinte, a primeira ação foi definir o nome do jornal. Cada aluno que quisesse defender um nome defendeu sua proposta e, após as defesas, partimos para a votação. Um dos alunos, visivelmente incomodado questionou o porquê a professora não escolhia ela mesmo o nome. Respondemos que o jornal não era da professora, era de todos e por isso todos deveriam ter o direito de opinar no nome. Relutante, ele participou da votação.

Escolheram o nome *Jornal Jovem da Luz*. A explicação da aluna criadora do nome foi: "Uma vez a professora explicou que a palavra *aluno* significa *sem luz*. Eu não sou sem luz! E agora com o jornal eu acho que poderemos mostrar pra todo mundo que temos luz e so-

mos esclarecidos". O nome venceu com quatro votos, desbancando outros dois nomes. Porém, os outros cinco alunos ficaram satisfeitos com a escolha.

Na sequência do encontro, fizemos uma reunião de pauta para partir para a prática. Dividimos os alunos em duplas para facilitar o trabalho deles. Em roda, cada dupla, depois de deliberarem por uns minutos, disseram sobre o que gostariam de falar. Nessa primeira rodada, limitamos as pautas ao cotidiano da escola. As pautas escolhidas foram: *Alunas questionam qualidade das calças femininas do uniforme; Trabalho de artes que estimula os alunos a comerem frutas; Alunos insatisfeitos com os preços dos cursos livres; Alunos que não fazem a lição de casa são impedidos de acompanharem a correção.*

Escolhidas, as pautas passaram para a fase de pesquisa que se iniciou na sala de informática por meio da internet e terminou com pesquisa in loco. Com as pesquisas feitas, eles montaram a pauta e assim que ela estivesse pronta, puderam partir para a coleta de informações para escreverem a matéria.

Devido algumas dúvidas que ficaram do encontro anterior, precisamos tirá-las no decorrer do processo, o que necessitou de um tempo significativo. Ao final do segundo encontro, os alunos tinham a pauta finalizada e combinamos que eles coletariam as informações e escreveriam a notícia durante a semana e trariam o encontro seguinte para que juntos pudessemos avaliá-las.

No terceiro encontro começamos a discutir sobre as produções. Investimos um bom tempo nesse processo, pois foi uma demanda dos próprios alunos que tinham muitas dúvidas sobre os textos que haviam entregue. Ao invés de partirmos para a segunda rodada de pautas, resolvemos trabalhar mais nos textos já escritos e, texto a texto, fomos desenvolvendo melhorias, tanto na escrita quanto na própria

coleta de informações junto a fontes como professores, coordenadora entre outros.

No fim do encontro os alunos ficaram satisfeitos com os textos, mas um deles alertou os demais sobre algo que ninguém havia feito até o momento: imagens. Eles, portanto, foram desafiados a, durante a semana, tirarem fotos, do próprio aparelho celular, para ilustrarem a notícia.

O último encontro foi dedicado a duas frentes. A primeira tratamos de mostrar para os alunos e para a professora como criar, postar e gerenciar uma página no facebook. A segunda refletimos sobre as produções e o papel do jornal-escolar que eles haviam desenvolvido. Para a criação da página, ficou acordado que a professora e os alunos iriam trabalhar de maneira democrática para gestão do conteúdo, tendo na figura da professora a responsável por guiar os alunos nessa tarefa, mas não de uma maneira autoritária como de costume seria, e sim de uma maneira coletiva, em que todas as decisões da página seriam discutidas em conjunto.⁴

Sobre a reflexão do projeto, iremos destacar aqui algumas falas que são significativas para a compreensão do leitor do presente artigo de como os participantes perceberam o processo.

“Pra mim fazer jornal era só escrever a notícia e colocar na banca. É muito mais difícil do que eu pensava, mas eu gostei muito, principalmente por descobrir que as tias do berçário fazem um monte de trabalho da hora com os bebezinhos. Eu não sabia e agora eu sei” (aluno participante).

“Eu odeio essa calça do uniforme. Mas eu nunca pensei que eu poderia reclamar disso com uma reportagem. O

4 Até o fechamento do presente artigo, a página do facebook do jornal não tinha ido pro ar.

mais legal de tudo foi que a coordenadora recebeu a gente na sala dela e explicou direitinho como funciona esse negócio de fornecedor e tal. O bom também foi ter mostrado pra ela que um monte de menina não gosta da calça... As vezes ela também não sabia disso. Eu acho que a escola vai mudar de fornecedor e teremos calças melhores. Vai ser muito legal se isso acontecer, porque foi por causa da nossa reportagem” (aluna participante).

“Gosto muito dessa ideia de todo mundo poder opinar para escolhermos as coisas. Mesmo o nome que eu tinha escolhido pro jornal não ter sido escolhido, eu achei justo porque a maioria decidiu assim. Também gostei de poder falar de coisas do colégio. Sei lá, as vezes acontece um monte de coisa aqui e a gente nem fica sabendo.” (aluna participante).

“Eu quis fazer a reportagem dos alunos que ficam pra fora da sala quando não fazem o dever porque eu fiquei pra fora uma vez e não gostei. Mas eu não achei que poderia reclamar porque quem manda é a professora. Eu fiquei muito revoltado quando não pude ficar na aula. Mas depois que tive que entrevistar a professora eu entendi um pouco o lado dela. Ainda não concordo e acho injusto” (aluno participante).

Considerações finais

Embora curta, a experiência com os meninos e as meninas participantes do jornal-escolar foi muito interessante, pois revelou o quanto os jovens têm a dizer e só precisam de um espaço propício para isso. Mais, eles precisam de um espaço que dê, além de condições instrumentais, condições de protagonismo na construção do conhecimento.

Sempre é evidente a desconstrução que o sistema de ensino/aprendizagem sofre quando os alunos tomam consciência de que, se dado o devido espaço e condições, suas vozes têm tanto poder quanto as vozes dos demais agentes culturais que são enxergados pelos próprios alunos como superiores a eles. O corpo docente também percebe o poder transformador das práticas educ comunicativas em sala de aula quando ele tem que dividir a construção do conhecimento com o aluno. Ambos os casos foram percebidos durante os quatro encontros no colégio.

O ciberespaço é um grande facilitador, pois tem como grande premissa a democratização da informação, dando condições para os seus usuários - no nosso caso os alunos - chances de produzirem conteúdo e serem lidos por qualquer um. Mas nada disso adiantaria se o próprio colégio não se mostrasse um potencial ecossistema comunicativo aberto e dialógico, onde a fala dos alunos é valorizada, mesmo que em alguns casos isso não fique tão evidente.

Precisamos incentivar cada vez mais projetos que usem das mídias digitais como ferramenta para produção e divulgação de conteúdo criado por jovens, para que eles se reconheçam como produtores de conteúdo. Porém, antes disso, é necessário estabelecer nesse próprio jovem a consciência de que ele também pode gerar conhecimento por meio de mecanismos como, no nosso caso, o jornalismo.

Referências

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. In: CITELLI, A. O.; COSTA, M. C. C. (Org.) *Educomunicação: construindo uma nova área do conhecimento*. São Paulo: 2011.

CALIXTO, Douglas de Oliveira. *Memes na internet: entrelaçamentos entre educação, cibercultura e a 'zoeira' de estudantes nas redes sociais*. 2017. Dissertação (Mestrado em Interfaces Sociais da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017

FREINET, Célestin. *O Jornal Escolar*. Lisboa: Estampa, 1974.

KAPLUN, Mario. Uma pedagogia da comunicação. In: APARICI, Roberto (Org.) *Educomunicação: Para além do 2.0*. São Paulo: Paulinas, 2014.

LÉVY, P. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2010.

LIVINGSTONE, Sonia: Internet literacy: a negociação dos jovens com as novas oportunidades on-line. In: *Revista Matrizes*, São Paulo. Ano 4, nº 2: 11-42, jan/jun 2011

SCHADT, Felipe dos Santos. *Intervenção Educomunicativa para a construção de espaços que promovam o protagonismo juvenil: A experiência do O Jornaleiro na Escola Estadual Victor Geraldo Simonsen*. (Monografia). São Paulo: Escola de Comunicações e Artes - Universidade de São Paulo, 2015.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação*. São Paulo: Paulinas, 2011

VIANA, Claudemir Edson; MELLO, Luci Ferraz. Cultura digital e a educação como novo paradigma educacional. In: *Revista FGV Online*, São Paulo. V. 3, nº 2, 31-49, 2013.

Sobre a autora

Felipe dos Santos Schadt - Especialista em Educação pela ECA/USP, mestrando na Pós-Graduação na mesma instituição. E-mail: felipeschadt@usp.br